



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CAMPUS SOBRAL
CURSO DE PSICOLOGIA

MARILIA GABRIELA CAVALCANTE SOARES

**REVERBERAÇÕES DO COMPLEXO DE ÉDIPO NA CONSTITUIÇÃO DA
MASCULINIDADE DO SUJEITO HISTÉRICO NA CONTEMPORANEIDADE**

SOBRAL
2017

MARILIA GABRIELA CAVALCANTE SOARES

REVERBERAÇÕES DO COMPLEXO DE ÉDIPO NA CONSTITUIÇÃO DA
MASCULINIDADE DO SUJEITO HISTÉRICO NA CONTEMPORANEIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia
da Universidade Federal do Ceará, como
requisito à obtenção do título de graduada.
Orientador: Prof. Me. Henrique Riedel Nunes

SOBRAL

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S655r

Soares, Marília Gabriela Cavalcante Soares.

REVERBERAÇÕES DO COMPLEXO DE ÉDIPO NA
CONSTITUIÇÃO DA MASCULINIDADE DO SUJEITO HISTÉRICO NA
CONTEMPORANEIDADE / Marília Gabriela Cavalcante Soares. – 2017.
25 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do
Ceará, Campus de Sobral, Curso de Psicologia, Sobral, 2017.
Orientação: Prof. Me. Henrique Riedel Nunes.

1. Histeria Masculina. 2. Complexo de Édipo. 3. Castração. 4.
Contemporaneidade. I. Título.

CDD 150

MARÍLIA GABRIELA CAVALCANTE SOARES

REVERBERAÇÕES DO COMPLEXO DE ÉDIPO NA CONSTITUIÇÃO DA
MASCULINIDADE DO SUJEITO HISTÉRICO NA CONTEMPORANEIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia
da Universidade Federal do Ceará, como
requisito à obtenção do título de graduada.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Me. Henrique Riedel Nunes (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Me. Eudes Duarte Filho
Faculdade Luciano Feijão (FLF)

Mestranda Ana Ramyres Andrade de Araújo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por estar sempre me guiando e abençoando, por me dar forças e me permitir continuar.

À minha mãe, Clarice, que é mãe e pai, por ser minha maior referência de Édipo, por me possibilitar, além da vida, tudo de melhor para minha educação e formação enquanto pessoa, por acreditar em mim, por não desistir nunca, minha base e inspiração de força.

À minha avó, Maria, meu exemplo de determinação e garra, por ser referência de vida, pela compreensão nos momentos nos quais tive que me ausentar do convívio dos nossos domingos para poder escrever, por acreditar que sou melhor do que realmente acredito que sou, por nunca desacreditar de mim, por ser minha força para ser alguém com futuro e construir minha história.

Às minhas amigas Milena Michele e Luana Vale, por compartilharem comigo das angústias, medos e incertezas na construção desse trabalho, pelo incentivo, por acreditarem na minha competência e por me fazerem acreditar que daria tudo certo. À Sarah Cavalcante, por compartilhar dos momentos de tensão, por me acolher em sua casa para estudar, me mimar com comidinhas e ser minha companheira de academia.

Aos demais colegas de curso, gratidão por estarem comigo nessa jornada, especialmente Matheus Montenegro e Alan Mesquita, por me cederem tempo, escuta e afeto.

Ao meu orientador, Henrique Riedel Nunes, pela paciência diante de minhas dificuldades e limitações, por apostar na minha capacidade e embarcar comigo nesse desafio.

À tia Rejane, que me recebeu durante todo esse percurso no S.P.A. com sorrisos e abraços que só ela tem e que me confortaram tantas vezes.

À Maiara Farias, pela agilidade, presteza e por dedicar seu tempo e seus ouvidos para acolher, incansavelmente, as demandas do estágio, angústias dos alunos e pelos momentos de descontração além S.P.A.

RESUMO

A proposta do presente artigo visa abordar a questão da histeria masculina através de elementos da teoria psicanalítica com a articulação de saberes de alguns autores como Freud, Lacan, Winter, Dor e alguns outros contemporâneos tais como Marazina, Fontoura e Meyer, como forma de sustentar essa abordagem. Inicialmente é feita uma exposição sobre a importância do Complexo de Édipo para constituição psíquica do sujeito através das fases do desenvolvimento, mais especificamente a fase fálica, a escolha dos objetos de amor e identificação e a relação deste com a função paterna. Em sequência, são trazidos elementos que diferenciam a dissolução do complexo de Édipo em meninos e meninas nas suas formas positiva e negativa, a maneira como cada um destes lida com a castração através da explanação dos tempos do Édipo e do Complexo de Castração, além de abordar por quais meios a neurose histérica se estrutura. Para finalizar o trabalho, com o propósito de contextualizar o leitor na teoria e articular posicionamentos de autores contemporâneos, relaciona-se a estrutura histérica clássica, feminina, com o homem atual, coloca-se o famoso caso do Dom Juan para ilustrar e apresentam-se as reverberações do Édipo no sujeito histérico de hoje, a forma como a histeria se mostra, além de questionar o lugar desse sujeito e o que seus sintomas denunciam.

Palavras-chave: Histeria Masculina, Complexo de Édipo, Castração, Contemporaneidade.

ABSTRACT

The purpose of this article is to address the issue of male hysteria through elements of psychoanalytic theory with the articulation of knowledge of some authors such as Freud, Lacan, Winter, Pain and some other contemporaries such as Marazina, Fontoura and Meyer, as a way of sustaining this approach. Initially, an exposition about the importance of the Oedipus Complex for the psychic constitution of the subject through the phases of development, more specifically the phallic phase, a choice of the objects of love and identification and a relation with a paternal function is made. In sequence, elements that differentiate the dissolution of the Oedipus complex in boys and girls in their positive and negative forms are brought in, how each of them deals with castration through the explanation of the times of the Oedipus and the Castration Complex, besides showing by what means hysterical neurosis is structured. To finalize the work, with the purpose of contextualizing the reader in the theory and articulate the positioning of contemporary authors, the classical hysterical structure, feminine, is related to the present man, the famous case of Don Juan is placed to illustrate and present the reverberations of Oedipus in the hysterical subject of today, the way hysteria shows itself, In addition to questioning the subject's place and what his symptoms denounce.

Key-words: Male Hysteria, Oedipus complex, Castration, Contemporaneity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. COMPLEXO DE ÉDIPO NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO	11
3. DISSOLUÇÃO DO COMPLEXO DE ÉDIPO E A CASTRAÇÃO	12
4. ESTRUTURA HISTÉRICA.....	16
5. HISTERIA MASCULINA	18
6. HISTERIA MASCULINA NA CONTEMPORANEIDADE	20
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	24

1. INTRODUÇÃO

No início da elaboração deste trabalho, pus-me a pensar sobre o objeto ao qual seriam dedicados meus estudos. Propus-me a pesquisar sobre algo que teve uma implicação direta em meu percurso acadêmico, a Histeria, mas não a histeria feminina que já é amplamente estudada e discutida. A intenção era falar sobre a histeria masculina, pouco comentada e com tanto a ser descoberto, direcionando, assim, a temática do presente trabalho e a centralizando sobre a constituição do sujeito masculino na estrutura histórica, sua relação com o Complexo de Édipo e as reverberações disso nos dias atuais.

Os estudos relacionados à histeria masculina vêm na tentativa de desmistificar o sujeito masculino da “perfeição” com o quais eram tratados na época em que iniciaram os estudos sobre a neurose e, de certa forma, encontrar o lugar desse sujeito na estrutura histórica. O objeto de investigação é, então, a relação que existe entre a influência do Complexo de Édipo na constituição do sujeito masculino e de que forma esse sujeito se estrutura como histórico na atualidade.

O termo histeria é derivado da palavra grega *hystera* e significa matriz. De acordo com Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, matriz é o "lugar onde algo se gera ou cria; órgão das fêmeas dos mamíferos onde se gera o feto; útero" (1988, p. 422). Portanto, a histeria foi associada às mulheres durante séculos por se pensar que sua sede estaria relacionada ao útero e, em decorrência disso, não se podia pensar em histeria em homens. No entanto, foi através dos estudos de Charcot e, posteriormente, de Freud que ficou demonstrada uma natureza psicogênica da histeria, abrindo assim, um espaço para se pensar em histeria masculina.

Conhecer o Complexo de Édipo é fundamental para entender como se estrutura o sujeito na neurose histórica e de que forma este sujeito é atravessado por ele. A constituição do sujeito se dá a partir das fases de seu desenvolvimento psíquico, mais especificamente a fase fálica, na qual o menino acredita inicialmente que o pênis é o único órgão genital. Nesse momento se inicia o Complexo de Édipo tendo como temática a fantasia infantil que consiste no desejo incestuoso pela mãe e uma rivalidade com o pai. Como nos mostra Freud:

Bastante cedo ele desenvolve um investimento objetal na mãe, que tem seu ponto de partida no seio materno e constitui o protótipo de uma escolha objetal por "apoio"; do pai o menino se apodera por identificação. As duas relações coexistem por algum tempo, até que, com a intensificação dos desejos sexuais pela mãe e a percepção de que o pai é um obstáculo a esses desejos, tem origem o complexo de Édipo (FREUD, 1923, p. 39).

O menino elege a mãe como objeto de amor e estabelece uma identificação com o

pai, no entanto, é uma relação de amor e ódio, visto que o garoto se identifica com o pai, mas possui um desejo de livrar-se deste e ocupar seu lugar junto à mãe. Para que o Complexo de Édipo seja solucionado, é necessário que haja o Complexo de Castração, através do qual haverá o rompimento do laço entre mãe e filho e estruturação da neurose.

O Complexo de Castração, Segundo Roudinesco e Plon (1998, p.104) é “o sentimento inconsciente de ameaça experimentada pela criança quando ela constata a diferença anatômica entre os sexos” e está centrada na fantasia da perda do pênis. Freud nos fala sobre este complexo pela primeira vez em Sobre as teorias sexuais infantis (1908), na qual o autor observa que as crianças teorizam que todas as pessoas possuem pênis e que a diferença sexual se faz entre as pessoas que foram castradas e as que ainda mantêm o pênis. Só em A organização genital infantil (1923) que o Complexo de Castração é inserido na teoria freudiana sobre sexualidade, estando relacionada com o Complexo de Édipo e com o estágio fálico do desenvolvimento libidinal.

Para dar continuidade à estrutura da histeria masculina trataremos sobre a relação com o falo e sua importância na constituição do sujeito, uma vez que este determina a neurose e a posição sexual dependendo da forma como o sujeito se posiciona diante dele. Segundo Freud, a diferenciação sexual para a criança se dá mediante a constatação da presença ou ausência do pênis. No texto de Freud (1908) “Sobre as Teorias Sexuais das Crianças”, aponta que a criança, ao observar a mãe nua, ao invés de ver ali os órgãos sexuais da mulher, interpreta a vagina como falta. Assim, a mãe é vista como castrada, e o sexo feminino, em geral, será caracterizado como faltante. A mãe, por sua vez, por ser faltante precisa de um terceiro, a presença do pai para ser o falo e permitir a estruturação do sujeito. O pai é o falo e está relacionado à Lei. O falo é o significante da falta. Segundo Lacan,

O falo na doutrina freudiana não é uma fantasia, se cumpre entender por isso um efeito imaginário. Tampouco é, como tal, um objeto (parcial, interno, bom, mau, etc.), no que este termo tende a apreciar a realidade interessada numa relação. Ele é menos ainda o órgão, pênis ou clitóris, que ele simboliza [...], pois falo é um significante [...] destinado a designar no seu conjunto os efeitos de significado, no que o significante os condiciona por sua presença de significante (LACAN, 1956/1957, p. 267).

O modo com o qual o sujeito se posiciona frente à figura paterna irá determinar sua estrutura e seus sintomas. O sujeito histórico masculino irá procurar onde está o falo para a sua mãe e, nesta procura, segundo Winter (2001), o histórico poderá tomar diferentes posições: ou se colocar como aquele que possui o falo diante desta problemática, ou ir à busca (do falo) projetando-o em figuras de poder, as quais julga serem detentoras do olhar e desejo

de sua mãe.

O histérico se utiliza da sedução por ter uma necessidade de reconhecimento e necessita de atributos fálicos para se afirmar enquanto sujeito. O sujeito histérico questiona o seu lugar e o lugar do outro, evidenciando a questão do reconhecimento que está relacionada à imagem que é articulada à posição fálica do sujeito histérico. Para ser o portador do falo, Fontoura (2005) aponta que o histérico paga um preço muito alto que é demonstrado pelos excessos (por ação da carência fálica) ou pela falta de ações que resultam em patologias no próprio corpo. Como forma de ilustrar o sujeito histérico faremos uma reflexão sobre a figura de Dom Juan, que se mostra como aquele que possui algo que falta à mulher, o amor como falo superlativo, o único.

Através do que nos comprova o posicionamento dos autores, buscamos identificar a falta que o sintoma histérico denuncia no masculino e as estratégias de contornar a castração. Para que estas questões sejam trabalhadas, a escrita deste trabalho se reporta à teoria psicanalítica através da articulação de saberes de autores utilizados como base, tais como, Jacques Lacan com os seminários 04 – A relação de objeto e 05 – As formações do inconsciente, Jean Pierre Winter com a obra Os Errantes da Carne, Joel Dor com Estruturas e Clínica Psicanalítica e Sigmund Freud com Estudos sobre a Histeria e alguns outros autores que foram peças chave para a concretização desse trabalho.

2. COMPLEXO DE ÉDIPO NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Complexo de Édipo foi o nome utilizado por Freud para descrever a fase do desenvolvimento psicosexual da criança na qual esta desenvolve um desejo incestuoso pela e mãe rivalidade pelo pai. O nome foi inspirado na obra de Sófocles (496-406 a.C.), um dramaturgo grego, Édipo Rei, que trata de uma tragédia na qual Édipo estava destinado a desposar sua mãe e matar seu próprio pai. O complexo de Édipo ocorre na fase fálica que é caracterizada pela primazia dos órgãos sexuais e consiste no desenvolvimento do desejo incestuoso da criança pela mãe e rivalidade com o pai. Segundo Laplanche e Pontalis,

Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo. Segundo Freud, o apogeu do complexo de Édipo é vivido entre os três e os cinco anos, durante a fase fálica; o seu

declínio marca a entrada no período de latência. É revivido na puberdade e é superado com maior ou menor êxito num tipo especial de escolha de objeto. O complexo de Édipo desempenha papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano (LAPLANCHE & PONTALIS, 1992, p.77).

Teresinha Costa (2010) nos fala que é na fase fálica que a criança começa a perceber as diferenças sexuais, iniciando-se, a partir daí, a vivência do Complexo de Édipo. Freud (1923) traz que o menino desenvolve pela mãe um investimento libidinal no qual vincula sua libido a uma representação objetual da mesma, um investimento objetual e com o pai é estabelecido uma identificação, que assume uma significação de hostilidade relacionada ao desejo de livrar-se dele para ocupar o lugar junto à mãe, caracterizando o Complexo de Édipo e sua relação de ambivalência.

A autora Jaqueline de Oliveira Moreira, no texto “Édipo em Freud: o movimento de uma teoria” (2004) trata sobre o Complexo de Édipo, e a importância deste para a construção da subjetividade e da sexualidade do sujeito na estruturação da neurose.

O complexo de Édipo constitui uma das problemáticas fundamentais da teoria e da clínica psicanalítica. Para a teoria psicanalítica, o momento crucial da constituição do sujeito situa-se no campo da cena edípica. Dessa forma, o Édipo não é somente o “complexo nuclear” das neuroses, mas também o ponto decisivo da sexualidade humana, ou melhor, do processo de produção da sexualidade. Será a partir do Édipo que o sujeito irá estruturar e organizar o seu vir-a-ser, sobretudo em torno da diferenciação entre os sexos e de seu posicionamento frente à angústia de castração (MOREIRA, 2004, p. 219).

Ainda tendo como base Moreira (2004), pode-se afirmar que o Complexo de Édipo se faz fundamental na estruturação do sujeito e anuncia a obrigatoriedade do outro na constituição deste através da cena edípica. É também durante o Complexo de Édipo onde se inicia o conceito de identificação, uma operação pela qual o sujeito pode se constituir e tem como consequência o surgimento do superego através de um processo sublimatório “enquanto o ideal do ego aparece a partir da angústia de castração que incide sobre o ego ideal e representa, por isso, uma tentativa de busca do outro narcísico, que possibilita ao eu a vivência partilhada de uma imaginária completude” (2004, p. 223). O Édipo se mostra indiscutível no processo de subjetivação e sexualização do sujeito, assim como o declínio do Édipo e o processo de castração, como centro do Édipo, se fazem irredutíveis para a escolha da sexualidade.

3. DISSOLUÇÃO DO COMPLEXO DE ÉDIPO E A CASTRAÇÃO

Em sua segunda tópica, Freud pôde tratar com mais recursos a assimetria entre o masculino e, a partir da diferenciação que foi estabelecida entre Isso, Eu e Supereu, passa a conceber o Complexo de Édipo nas suas formas positiva e negativa. O amor pelo genitor do sexo oposto e ódio ao genitor de mesmo sexo configura a forma positiva, já o amor pelo genitor de mesmo sexo e ódio ao de sexo oposto, a forma negativa (FREUD, 1923).

Segundo Freud (1923), tanto para o masculino quanto para o feminino, a força das disposições sexuais é o que determina se o desfecho do Édipo numa identificação com o pai ou com a mãe. É a partir da resolução do Complexo de Édipo que a criança vai escolher seus objetos de amor e de identificação. Ainda segundo o mesmo, devemos considerar que o Complexo de Édipo é dúplice, ou seja, positivo e negativo, o menino também se comporta como uma menina, apresentando afeto para com o pai e certo ciúme e hostilidade para com a mãe. A partir da descoberta da diferença anatômica entre os sexos é que se diferencia o desenvolvimento da sexualidade entre menino e menina.

O menino descobre que o pênis não é um bem comum a todos os seres semelhantes a ele. A visão casual dos genitais de uma irmãzinha ou companheira de brinquedos fornece a oportunidade para essa descoberta. Aqueles mais perspicazes, observando as meninas a urinar, já desconfiaram de alguma coisa diferente, devido à outra postura que elas têm e ao outro ruído que fazem, e então procuraram repetir essas observações de modo esclarecedor. Sabe-se como reagem às primeiras impressões da ausência de pênis. Eles recusam essa ausência, acreditam ver um membro, atenuam a contradição entre o que viram e o que esperavam, mediante a evasiva de que ele é ainda pequeno e crescerá, e aos poucos chegam à conclusão emocionalmente significativa de que no mínimo ele estava presente e depois foi retirado. A ausência de pênis é vista como resultado de uma castração, e o menino se acha ante a tarefa de lidar com a castração em relação a ele próprio (FREUD, 1923, p. 153).

Durante a fase do desenvolvimento sexual infantil ocorre a polaridade sexual (masculino e feminino) e a escolha do objeto. Para o menino, a mãe é o objeto de amor. Depois que o menino entra no Édipo, se entrega às fantasias ligadas à mãe a ameaça de castração feita pelo pai e a angústia provocada pela falta do falo no corpo feminino o faz renunciar o objeto de amor e barra o amor pelo pai, tornando-o objeto de identificação. A dissolução do Édipo no menino se dá quando a angústia da castração finaliza a ligação erótica do menino com a mãe e a ligação amorosa com o pai, inserindo o menino no período de latência. Para a menina, a mãe também é seu primeiro objeto de amor. No entanto, para o menino há a predominância da angústia de castração, para a menina o que predomina é a inveja do pênis, já que, de certa forma, ela já foi castrada por não ter o pênis, mas o que a ameaça é o medo de não ser amada. Ao constatar que não possui um pênis, culpa a mãe por não o ter. É a partir da descoberta da castração que se inicia o processo de desvinculação do

objeto materno (COSTA, 2010).

O menino soluciona a problemática do Édipo preservando seu pênis e tendo o pai como objeto de identificação. A menina se aproxima do pai com o intuito de obter o pênis negado pela mãe e a busca pelo pênis é substituída pelo desejo de ter um filho (equivalente simbólico do pênis), entretanto, o abandono progressivo do Édipo só se dá pela decepção com o pai em não lhe dar o pênis, como nos traz Freud:

A garota passa — ao longo de uma equação simbólica, poderíamos dizer — do pênis ao bebê, seu complexo de Édipo culmina no desejo, longamente mantido, de receber do pai um filho como presente, de lhe gerar um filho. Temos a impressão de que o complexo de Édipo vai sendo aos poucos abandonado porque tal desejo não se realiza. Os dois desejos, de ter um pênis e um filho, permanecem fortemente investidos no inconsciente, e ajudam a preparar o ser feminino para o seu futuro papel sexual (FREUD, 1924, p.190).

Dessa forma, podemos perceber que tanto meninos quanto meninas são submetidos às mesmas forças libidinais que, durante um período de tempo, seguem o mesmo curso e possuem ligação objetal com o sexo oposto, no entanto, a menina atravessa uma fase negativa do Complexo de Édipo relacionado ao investimento libidinal com a mãe, diferenciando o trajeto do menino (FREUD, 1924).

A dissolução do Complexo de Édipo é caracterizada pela castração que é assimilada de forma distinta para o menino e para a menina. Segundo Freud (1924), a menina aceita a castração de forma irremediável enquanto o menino teme a consumação do fato no real. A castração que era tida como a ausência do pênis, atualmente está relacionada à própria criança como vemos em Freud, “a falta de pênis é vista como resultado da castração e, agora, a criança se defronta com a tarefa de chegar a um acordo com a castração em relação a si própria” (FREUD, 1923, p. 159).

Ao verificar a ausência de pênis na menina, o menino entende que a mesma foi punida, vista pelo menino, simbolicamente, como ameaça de perda, de castração e o força a renunciar ao amor da mãe, sair do Complexo de Édipo e iniciar o Complexo de Castração. É o Complexo de Castração que destrói o Complexo de Édipo. Após admitir que existe a possibilidade de castração, é preciso que o menino deixe de investir na mãe de forma objetal, transformando esse investimento em identificação ou na intensificação da identificação com o pai ou, ainda, a coexistência das duas identificações. Ao sair do Complexo de Édipo o menino passa a se reconhecer numa posição sexual e internaliza o pai como Ideal de Eu, inserindo o sujeito na Lei e marcando a constituição do Superego, o herdeiro do Complexo de Édipo (FREUD, 1924).

Para Lacan (1956/1957), a função paterna é o elemento que quebra a ligação libidinal da mãe com o menino. O mesmo introduz o termo Nome-do-Pai como significante da função paterna e situa o pai em três registros: Real, Simbólico e Imaginário. A função paterna não está relacionada necessariamente à presença do genitor, mas também a algo/alguém que exerça a função e está relacionada à Lei, fazendo com que o menino reconheça a castração no Outro por ter sido submetido a esta. Ao reconhecer a castração, o menino é inserido na ordem simbólica, na qual o significante da falta é o falo. A passagem da ordem do imaginário para o simbólico se dá através da castração e permite que o sujeito inscreva a Lei no psiquismo. Desse modo, a função paterna impede o aprisionamento do menino na relação imaginária de ser o que tampona a falta da mãe. Portanto, o pai possui três dimensões, a real - através da qual, por via da linguagem, efetua a castração -, a simbólica - como representante da Lei - e a imaginária - enquanto detentor dos atributos fálicos rompendo a ligação libidinal do filho com a mãe.

Lacan (1957/1958) situa o Complexo de Édipo em três tempos. No primeiro tempo o menino ainda está alienado no desejo da mãe, preso na dialética de ser ou não ser o falo, como nos traz a afirmação de Lacan, “o que a criança busca, como desejo de desejo, é poder satisfazer o desejo da mãe, isto é, *to be or not to be* o objeto do desejo da mãe (...) Para agradar a mãe (...) é necessário e suficiente ser o falo” (LACAN, 1957/1958, p. 197, 198). O primeiro tempo é a etapa fálica primitiva de narcisismo absoluto na qual o menino se identifica especularmente com aquilo que é objeto de desejo da sua mãe e acredita ser o que completa a falta da mãe. A lógica fálica opõe, contraditoriamente, ser ou não ser o falo:

[...] a fixação na mãe, tornada como objeto real depois das primeiras frustrações, permanece inalterada. [...] esse vivido central essencial do Édipo no plano imaginário, que este complexo se expande em todas as suas consequências neurotizantes (LACAN, 1957/1958, p. 211).

No segundo tempo do Édipo, o pai se interpõe e intervém enquanto castrador da mãe, por privá-la do falo que supostamente foi encontrado no filho e frustrador do filho por separá-lo da mãe, sendo assim, a Lei. A esse respeito, Lacan aponta que:

A estreita ligação desse remeter a mãe a uma lei que não é dela, mas de um Outro, com o fato de o objeto de seu desejo ser soberanamente possuído, na realidade, por esse mesmo Outro a cuja lei ela remete, fornece a chave da relação do Édipo, o que constitui seu caráter decisivo deve ser isolado como relação não com o pai, mas com a palavra do pai (LACAN, 1957/1958, p.199).

Dessa forma, é na relação da mãe com o Nome do Pai que a Lei é inscrita para o menino. É a Lei do pai que faz com que o menino se defronte com a presença da falta. A

dimensão agora é a do ter ou não ter o objeto de desejo da mãe e não mais a de ser ou não ser. O segundo momento é o que possibilita o acesso à simbolização da Lei, o terceiro momento do Édipo.

O objeto não é mais o objeto imaginário com o qual o sujeito pode tapear, mas o objeto sobre o qual outro é sempre capaz de mostrar que o sujeito não o tem, ou o tem de forma insuficiente. Se a castração exerce esse papel essencial para toda a continuação do desenvolvimento, é porque ela é necessária à assunção do falo materno como um objeto simbólico. Somente a partir do fato de que, na experiência edipiana essencial, ela está privada do objeto por aquele que o tem, que sabe que o tem, que o tem em todas as ocasiões, é que a criança pode conceber que este mesmo objeto simbólico lhe será dado um dia (LACAN, 1957/1958, p. 213).

No terceiro tempo do Édipo o menino deixa de ser o possuidor do desejo do Outro para ter algo com o qual possa se desejar, além disso, ele percebe que o pai também não é o falo, mas que pode tê-lo. É quando ocorre a identificação com a instância paterna, que pode satisfazer a mãe, enquanto Ideal de Eu. A intervenção do pai reafirma a falta da mãe e transmite a castração como falta estrutural do sujeito. É no terceiro momento no qual o menino se reconhece numa posição sexual que o definirá como homem, marco na constituição do Supereu e entrada do sujeito na Lei.

Através do Complexo de Castração o menino é levado a renunciar aos desejos fálicos de onipotência narcísica. No entanto, enquanto rivaliza com o pai imaginário, o menino ainda continua prisioneiro das ambições fálicas, que só serão abandonadas quando ele, mediado pela mãe, aceita a Lei do pai, ou seja, abre a porta para a saída do Édipo e lhe mostra o caminho da identificação com a figura paterna, ou alguém que a represente.

4. ESTRUTURA HISTÉRICA

Como vimos no tópico anterior, a dissolução do Complexo de Édipo é fundamental para a formação das estruturas clínicas através da forma como o sujeito se posiciona em relação ao desejo do Outro. Segundo Costa (2010), “a partir da vivência edípica, as estruturas clínicas podem ser situadas como modos de resposta ao desejo do Outro”. A escolha da estrutura está ligada à forma como o sujeito se coloca em relação à falta.

De acordo com Joel Dor (1991), a alienação subjetiva do histórico em relação ao desejo do Outro é um elemento da constituição do funcionamento da estrutura histórica e a questão central do desejo histórico está pautada na problemática do ter. O objeto de desejo edipiano é o falo, do qual o sujeito é privado no Complexo de Édipo, direcionando seu desejo ao Outro que, supostamente, detém o falo. Dessa forma, fica nítido que o Outro funciona

como suporte aos mecanismos identificatórios e esse suporte é tanto masculino quanto feminino, além de ser um artifício neurótico que, segundo Dor (1991, p.70), “ela oculta o ‘passo a dar’, o que consiste em aceitar desde logo não ter o falo, para se permitir os meios posteriores para sua posse. Com efeito, aceitar não tê-lo é potencialmente poder identificar-se com aquela que não o tem, mas que o deseja junto àquele que é suposto tê-lo”. Assim, os processos identificatórios reafirmam a alienação subjetiva do sujeito histérico em sua relação com o desejo do Outro. Esse Outro ocupa um lugar privilegiado, o do Senhor, o qual é o suposto saber do que o sujeito se faz desconhecer e tem necessidade de um Senhor sobre o qual possa reinar. Sujeitos históricos possuem a característica de se colocarem a serviço do outro para mostrarem a si mesmos através do outro na dimensão do dado a ver, persistindo, assim, no sujeito histérico uma queixa referente a uma reivindicação de amor direcionada à mãe e se vê como um objeto incompleto e desvalorizado oposto ao que deveria ser, o falo.

De fato, o histérico se viu frequentemente como *não tendo sido amado o bastante pelo Outro*, como não tendo recebido todas as provas de amor esperadas da mãe. Esta frustração de amor inscreve-se sempre em referência ao jogo fálico. O histérico investe-se assim, nesta frustração, como um objeto desvalorizado e incompleto, ou seja, como um objeto derrisório para o desejo da mãe face ao que poderia ser, pelo contrário, um objeto completo e ideal: o *falo* (DOR, 1991, p. 72).

Dessa forma, como nos traz Dor (1991), a relação com o objeto do desejo da mãe se manifesta na identidade do histérico, que é sempre insatisfatória em relação a uma identidade ideal. O histérico tenta tornar-se o objeto Ideal do Outro que ele supõe não ter sido e manter-se eternamente insatisfeito e, para manter seu desejo, jamais oferece um objeto possível de ser substituído. O sujeito é identificado com o objeto ideal do desejo do Outro e tem seus esforços postos a serviço da identificação fálica da qual o sujeito se identifica pela possibilidade de ser encenada, através do narcisismo fálico que surge como tentativa de frustrar o inevitável encontro com a falta.

Este "narcisismo fálico" se exprimirá favoravelmente sob uma forma espetacular e imoderada: o *dado a ver*, isto é, *posto em cena*. Trata-se, sobretudo, para o histérico, neste *pitiatismo*, de se oferecer ao olhar do Outro como encarnação do objeto ideal de seu desejo. [...] Com efeito, na histeria, a *sedução* é sempre fundamentalmente colocada a serviço do falo, mais do que é colocada a serviço do desejo. Em outros termos, trata-se mais de fortalecer a identificação imaginária do falo do que desejar o outro. Apesar e contra tudo, é preciso *fazer desejar o outro*, fazer-lhe desejar este objeto fascinante que se dá a ver como o objeto que poderia preencher sua falta. Mas importa mais ainda deixar o outro em suspenso nesta mobilização (DOR, 1991, p. 73).

Ainda segundo o mesmo autor (1991), a questão da identificação com o objeto da falta no Outro permanece igual nas mulheres e nos homens históricos, uma vez que está

relacionada com a castração, mas as estratégias neuróticas irão se diferenciar em perfis femininos e masculinos. A mulher histérica possui uma exigência com a beleza que a atormenta e é sujeita ao ideal de perfeição que é expresso de um modo negativo se colocando à prova do narcisismo. Outra característica da estrutura histérica é a permanente indecisão. A histérica escolherá o parceiro impossível, aquele que, quanto mais difícil de acessar, melhor sustentará a ilusão de que não irá decepcioná-la. Nas relações amorosas, a histérica procura no homem a reprodução do “pai completo”, o que nunca existiu.

O homem procurado — e eventualmente encontrado — nunca é uma pura e simples reprodução do pai. O que a histérica busca num homem é um *pai completo*, ou seja, um pai tal como nunca existiu. Através da escolha de um parceiro masculino a histérica quer, antes de mais nada, preencher as ausências imaginárias do pai. Ela está disposta a emprestar-lhe tudo o que faltava ao pai: ser mais forte, mais bonito, mais potente, etc., do que foi o pai. E, aliás, neste sentido, e somente neste, que um homem assim pode ser o Senhor que a histérica busca (DOR, 1991, p.83/84).

Portanto, a histérica jamais vai estar plenamente satisfeita quanto ao parceiro, este será visto por ela como o Senhor que a decepcionou, tornando-se objeto de insatisfação.

5. HISTERIA MASCULINA

Ao chegarmos à histeria masculina, retomar alguns pontos se faz necessário para que possamos articular o que foi explanado até aqui com o que a difere da histeria feminina. Em relação aos estudos sobre a histeria, Cecarelli e Silva (2016) nos falam que, apesar da histeria masculina estar presente na história, a feminina despertou mais interesse para ser estudada, uma vez que a histérica não se adequava ao padrão enaltecido pela burguesia, era considerada uma “antimãe” que ameaçava a ordem da sociedade. Opondo-se à mulher histérica, o homem histérico era considerado apenas como um fora das regras que não atrapalhava a moral social da burguesia.

Como foi tratada no primeiro tópico deste trabalho, a histeria, inicialmente, estava relacionada à presença do útero e, por isso, referir a histeria ao sexo masculino, era uma ideia maluca, como nos fala Winter (2001). Joel Dor (1991) defende que, do ponto de vista da sintomatologia clínica não há distinção entre histeria masculina e feminina, no entanto, a forma com estes são elaborados é que se diferenciam nos dois sexos. Tal distinção pode ser vista no dar a ver que, segundo o autor, “na mulher histérica o ‘dar a ver’ é sempre dar a ver alguma coisa do corpo. Em contrapartida, no homem, o ‘dar a ver’ concerne ao corpo inteiro” (DOR, 1991, p. 87). Na histeria masculina, a sedução é a base de uma negociação de amor,

através da qual o histérico oferece seu amor só para ter a certeza de que é amado por todos, no entanto, é incapaz de ir além da sedução. Apesar de querer ser reconhecido como detentor do falo e querer receber o amor de todos, não quer perder nenhum objeto de amor, mostrando a insatisfação que marca a estrutura histérica. A respeito da insatisfação, Nasio nos fala que, quer o sujeito histérico seja homem ou mulher,

Ambos viverão, infalivelmente, um estado de permanente e latente insatisfação. Uma insatisfação que não se restringe unicamente ao registro sexual, mas se estende para a totalidade da vida; e o faz, as vezes, de maneira muito dolorosa, através de episódios depressivos ou até de tentativas de suicídio. Pois bem, a despeito dessa dor, o histérico se agarra surpreendentemente a sua insatisfação [...] O histérico deseja estar insatisfeito por que a insatisfação lhe garante a inviolabilidade fundamental de seu ser (NASIO, 1991, p. 46).

Conforme defendido por Dor (1991), o histérico se coloca numa posição de vítima e, em contrapartida, se queixa não poder usufruir o que possui através de lamentações tais como o emprego do outro é melhor, a mulher do outro é mais desejável, etc. A incapacidade de gozar é posta em primeiro lugar, à frente da lamentação pelo que não tem. Mesmo que seja dado ao histérico a possibilidade de ter que ele não tinha, ainda assim o levará ao fracasso, uma vez que ele mantém a insatisfação como estratégia. Caso o histérico tenha qualquer garantia de que seu desejo possa ser realizável, torna-se imediatamente incapaz de assumi-lo, resultando em estados ansiosos e depressivos tais como as histéricas.

Para o sujeito histérico, a relação com o outro feminino é previamente alienada num certo tipo de representação da mulher como mulher idealizada e inacessível (DOR, 1991). O histérico precisa se sentir amado de forma duradoura com a certeza de que não vai ser deixado, fazendo-o correr atrás da outra pessoa todo o tempo. O sujeito histérico questiona o lugar de cada um, inclusive o próprio lugar pondo em evidencia a problemática de ser reconhecido para poder afirmar o que é e o que tem, justificando sua referência narcísica. Este sustenta um falo superlativo, que aparenta ser muito maior do que realmente é como forma de diferenciá-lo dos demais, ainda que pague um preço muito alto por isso (FONTOURA, 2005).

A neurose histérica é caracterizada por produzir estratégias como forma de contornar a castração e, dessa forma, fazer apontar a falta no Outro. Segundo Fontoura, as saídas para a histeria masculina seriam,

[...]– encarnar o falo, finalmente: aí a majestade tão ostentatória quanto ridícula; seja no campo do saber, no exercício do poder, ou nalguma outra versão. Esta é a posição de *único no gênero*, pois a quem encarna o falo nada falta. Esta espécie de ser andrógino não faz par, embora possa estar acasalado; – supor o falo em figuras de poder a quem se submeterá numa cooptação ou capitulação acovardada; – aceitar, reconhecer a ordenação do falo fora de si próprio; produzir uma inserção, uma

representação social para seu falo (FONTOURA, 2005, p. 15).

6. HISTERIA MASCULINA NA CONTEMPORANEIDADE

Depois de termos tratado sobre a estrutura da neurose histérica e sobre a histeria masculina, podemos agora identificar de que forma a histeria masculina se reverbera na contemporaneidade e as formas de lidar com ela. A histeria, como vista anteriormente, possui algumas características que são próprias da neurose e são percebidas em ambos os sexos. Para ilustrar algumas dessas características e contextualizar com a representação da neurose histérica nos homens contemporâneos vamos trazer o pensamento de alguns autores que escreveram sobre a temática.

Através da análise do personagem Dom Juan, escrito por Tirso de Molina na peça “O enganador de Sevilla”, Jean-Pierre Winter, na obra “Os errantes da carne”, nos mostra que a postura que Dom Juan assume frente às questões relacionadas às mulheres como a necessidade da sedução e a incapacidade de amar, eram características das mulheres históricas. Segundo o autor,

Dom Juan encarna o mito da virilidade realizada, ao mesmo tempo que é constantemente denunciado por traços de caráter que designam de hábito, sobretudo entre os séculos XVI e XIX, as mulheres: identificação sob o modo da ironia, incapacidade de amar, fascinação pela morte – a mulher fatal, a própria morte sendo uma mulher -, desprezo pelas mulheres, separação do órgão sexual e do ser, gosto pela esperteza e pela mentira, etc. Em suma, o homem que encarna mais de perto o mito da virilidade realizada é aquele ao qual são emprestados os traços de caráter mais femininos (WINTER, 2001, p. 18).

O histérico recorre à impotência reforçando a compulsão ao fracasso e se apoia num mecanismo que o leva a confundir virilidade e desejo frente à demanda de uma mulher que é acolhida por ele como obrigação de dar prova de sua virilidade e na necessidade de justificar ter o falo. Uma figura que ilustra a situação antes mencionada é o “playboy” que precisa dar provas de sua virilidade e acaba demonstrando impotência. Esta figura possui uma relação inconsciente com a mãe que o prende a ela e tem a impotência como resposta, como se nenhuma mulher, além da mãe, pode mobilizar o seu desejo. A fidelidade à mãe faz com que a mulher não se apresente como um possível objeto de “consumo”, mas de representação. A mulher acaba como um troféu que, através deste, exhibe ostensivamente sua virilidade e sustenta a rivalidade com os homens aos quais o histérico acredita terem o falo. (DOR, 1991)

Segundo o mesmo autor, o fisiculturismo é outra forma de encarnar a posição histérica associada à impotência, “o fisiculturista está em representação fálica permanente: à

falta de ter o falo, ele assinala metaforicamente, com o corpo, que ele o é. [...] O pênis é imaginariamente representado pelo corpo inteiro” (DOR, 1991, p. 92). O histérico entende que, como a mulher não goza com um pênis comum, pode gozar com um musculoso apenas em olhar para este. O orgasmo precipitado, mais conhecido como ejaculação precoce, é mais uma forma da encarnação da histeria nos homens. Para estes, o gozo feminino é ameaçador e é visto, diante do poder fálico, como um fracasso, como nos fala a seguinte citação:

O desfecho é sempre o mesmo: uma mulher só poderá gozar se o homem lhe administrar a prova do seu domínio fálico. Compreende-se o porquê desta performance imaginária ser fortemente ansiógena. Aqui, será a angústia que irá, simultaneamente, entrar em curto-circuito e precipitar o processo. O objetivo esperado, que é particularmente ameaçador, é o gozo feminino. Ora, para a histeria masculina, apenas aquele que tem o domínio absoluto do falo pode assumir o gozo feminino, quer dizer, dominá-lo. O gozo da mulher é, com efeito, sempre percebido como um fracasso diante do poder fálico vitorioso (DOR, 1991, p.93).

Para Izabel Marazina (2005), a histeria, conhecida de longas datas, tem deixado de ser um legado do sexo feminino e tem se tornado sintoma entre os sujeitos masculinos sexuados. Sintomas esses que são percebidos no excesso de malhação na academia, preocupações com a boa forma do corpo para que o histérico consiga atrair a atenção e “ser olhado”. Os homens histéricos se fazem desejar através da falicização do corpo, uma vez que o pênis já não os assegura como antigamente frente às mulheres que, hoje, ocupam os espaços e os atributos que eram apenas masculinos, como afirma a autora na seguinte citação:

Fazer-se fazer valer – e desejar, portanto – através de um corpo falicizado por inteiro, para assim ser adorado, não será o caminho anunciado por muitos homens que hoje sentem que seu pênis pouco lhes assegura, frente, por outro lado, a mulheres que tomaram para si inúmeros atributos masculinos, e os sustentam com assombrosa competência? (MARAZINA, 2005, p. 20)

Lucy Linhares Fontoura nos fala, através de Melman, que a carência fálica do histérico reflete na relação deste com o corpo e, para torna-lo másculo, chega a ter comportamentos compulsivos à ponto de machucar o próprio corpo como castigo por não responder ao que o sujeito almejaria. Segundo a autora,

Quando a posição histórica no homem se apresenta como carência fálica podem-se encontrar consequências, como o esforço compulsivo de fabricar um corpo másculo, até o ponto de machucar esse corpo, como a lhe impor castigo por não responder pelo lugar másculo que o sujeito almejaria. A literatura psicanalítica provê inúmeros testemunhos acerca do quanto o sujeito histérico vive seu corpo como um domínio que lhe é profundamente outro, alheio (MELMAN, 1994 *apud* FONTOURA, 2005, p.13).

Temos, ainda, em relação a histeria masculina, o artigo “Um estudo sobre a histeria masculina: de Freud aos autores contemporâneos” escrito em 2006 por Laura Meyer

da Silva, psicanalista, que através de alguns autores contemporâneos como Mayer (1986), Moscone (1990) e Zetzel (1968), nos fala sobre a histeria em homens e nos reafirma o que já vem sendo dito por autores citados anteriormente, como insatisfação, necessidade de mostrar-se e a insegurança quanto à identidade sexual, que são características que se fazem presentes na forma como a histeria se manifesta hoje. Segundo Silva,

Para Mayer (1986), o caráter histérico masculino não é muito diferente do apresentado pela mulher histérica. Ele gosta de seduzir, ser amado por todos, é um eterno insatisfeito, querendo sempre o que não possui. Tem uma necessidade muito grande de mostrar-se, pois na verdade desvaloriza tudo o que tem, sente-se uma pessoa insignificante, com um pênis insignificante, com uma mulher desvalorizada, fazendo um trabalho com pouco valor. Sente-se inseguro, quanto à sua identidade sexual. [...] O grande sedutor em que o histérico se transforma o trai na hora do ato sexual, pois seu pênis se opõe. O que ele não pode admitir é que para ele a ternura é mais importante que o amor genital (SILVA, 2006, p. 94).

Articulando o que foi trazido até aqui através dos autores citados com a realidade contemporânea, vemos que, apesar da histeria masculina se apresentar de outra forma, ela continua muito presente nos homens modernos, em seus corpos, nos quais expressam as dores das patologias contemporâneas, em suas ações traduzidas, ora pelo excesso representado nos comportamentos compulsivos, ora pela ausência de qualquer ação notada pela angústia ou na depressão. Em suma, é nitidamente perceptível que, apesar dos “disfarces” apresentados pelos sintomas, a etiologia e o sofrimento das históricas de Charcot persistem, inclusive, nos homens contemporâneos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo os estudos fundamentados em todas as pesquisas feitas e como base autores renomados que foram referenciados, posso concluir que o objetivo de abordar a histeria masculina na contemporaneidade foi alcançado. Através dos estudos realizados para escrever este trabalho, pode-se ver que a histeria masculina, assim como a feminina possuem o mesmo contexto, ou seja, são fruto de um destino específico do Édipo, mesmo que se apresentem de formas diferentes em homens e mulheres.

Diante do que foi exposto, vimos de que forma o sujeito masculino se constitui, tratamos sobre a estrutura histérica e os desdobramentos desta no masculino e no feminino, além de como a sociedade enxerga a neurose desde o tempo de Freud e Charcot e como o sujeito histérico se vê através da necessidade de ser visto/olhado. Vimos também a importância do desfecho do Édipo e do Complexo de Castração para a estruturação da

neurose histérica e, através de elementos contidos no texto, reafirmamos que, de fato, os sintomas histéricos denunciam algo.

A histeria masculina se apresenta, hoje, de formas tão camufladas que, na correria do cotidiano e no imediatismo da sociedade, na busca por um rótulo, uma identificação que possibilite a “cura”, os sintomas acabam por serem negligenciados, mas estão lá, retornando incansavelmente. Se nos pusermos a pensar, não é difícil perceber que os homens não têm mais um lugar como tinham em outros tempos, isso se dá em decorrência das conquistas das mulheres pela igualdade dos direitos. Hoje as mulheres fazem praticamente tudo que os homens fazem, deixando-os à deriva na busca pelo lugar no qual os mesmos não foram ensinados a renunciar, não sabendo assim, o rumo que irão tomar. Em épocas remotas, as mulheres eram educadas para serem esposas, para cuidarem de suas casas, maridos e filhos. O marido era a concretização dos sonhos de praticamente toda donzela, no entanto, hoje a educação das mulheres tomou um rumo bem distinto do citado anteriormente, deixando os homens numa situação delicada ao terem que aceitar que não são mais “tudo” que as mulheres desejam. Dessa forma, se faz necessário que os homens consigam vislumbrar que, mesmo não conseguindo ser “tudo”, há espaço para eles e, através deste, a diferença pode ser feita.

Não é raro que encontremos academias de ginásticas cheias de homens que buscam o corpo perfeito, que lutam para aumentar cada vez mais seus músculos, exibindo o poder dos seus falos superlativos e inflacionados, vemos, também, uma briga incansável pelo poder, a ambição de ter o mais alto cargo, a mais alta remuneração, a melhor casa, o melhor carro, roupas de grifes renomadas e, inclusive, as mulheres mais belas donas de corpos esculturais, denunciando o medo de não serem aceitos e amados pela sociedade.

Concluimos, concomitantemente, que apesar da neurose histérica ter ganhado espaço na literatura, se compararmos à histeria feminina, ainda temos muito a estudar e a descobrir, principalmente no tocante ao lugar que o sujeito histérico ocupa na sociedade atual, a importância dos sintomas e o quê mais estes denunciam.

REFERÊNCIAS

- COSTA, T. **Édipo**. Rio de Janeiro. Zahar. 2010.
- DOR, J. **Estruturas e clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Taurus. Editora, 1991.
- FERREIRA, A. B. H. (1988) **Novo dicionário básico da Língua Portuguesa Folha/Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FILIPPI, A.A.P. **Histeria em Homens: Algumas peculiaridades**. 2006. 67f. Monografia (Especialização em Psicanálise e Linguagem), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2006.
- FONTOURA, L. L. **Único no gênero- vicissitudes da histeria masculina**. In: Revista da APPOA- A Masculinidade, Porto Alegre, n.28, 2005.
- FREUD, S. **A dissolução do Complexo de Édipo (1924)**. In: O Eu e Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925) – Obras completas, vol. 16. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo. Cia.das Letras. 2011.
- _____. **A organização genital infantil (1923)**. In: O Eu e Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925) – Obras completas, vol. 16. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo. Cia.das Letras. 2011.
- _____. **O Eu e o Id (1923)**. In: O Eu e Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925) – Obras completas, vol. 16. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo. Cia.das Letras. 2011.
- _____. **Sobre as teorias sexuais infantis (1908)**. In: O delírio e os sonhos na *Grádiva*, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909) – Obras completas, vol. 08. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo. Cia.das Letras. 2015.
- _____. **Uma neurose do século XVII envolvendo o demônio (1923)**. In: Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923) – Obras completas, vol. 15. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo. Cia.das Letras. 2011.
- LACAN, J. **Escritos: A significação do falo (1958)**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.,1999.
- _____. **O seminário livro 4: A relação de objeto (1956-57)**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.,1995.
- _____. **O seminário 5: As formações do inconsciente (1957-58)**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.,1999.
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- NASIO, J.D. **A Histeria – Teoria e clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

_____. *Édipo – o complexo do qual nenhuma criança escapa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MARAZINA, I. **O espelho e os homens: considerações sobre os reflexos na masculinidade de hoje**. In: *Revista da APPOA - A masculinidade*. Porto Alegre, n. 28, p. 16-22, abr. 2005.

MOREIRA, J. O. **Édipo em Freud: O movimento de uma teoria**. In: *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 9, n. 2, p. 219-227, mai./ago. 2004.

ROUDINESCO, E. & PLON, M.; **Dicionário de Psicanálise**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

SILVA, L.M. **Um estudo sobre a histeria masculina: de Freud aos autores contemporâneos**. In: *PSICANALÍTICA*, São Paulo, v. VII, n. 1, p. 87-102. 2006.

WINTER, J. P. **Os errantes da carne. Estudos sobre a histeria masculina**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.